

**David Ebershoff**

A rapariga  
dinamarquesa

Tradução de Cristina Correia

*Dedicado a Mark Nelson*

**Primeira Parte**

**Copenhaga, 1925**

## Capítulo 1

A esposa foi a primeira a saber.

– Fazes-me um favor? – Greta gritou do quarto naquela primeira tarde. – Dás-me aqui uma ajuda num instantinho?

– Claro – respondeu Einar, de olhos postos na tela. – O que quer que seja.

O dia estava fresco, pois soprava um vento gélido do Báltico. Encontravam-se no apartamento deles na Casa da Viúva, onde Einar, um homem de baixa estatura e que ainda não completara 35 anos, pintava de memória uma cena invernosa no Mar Kattegat. A água escura e cruel, com ondas coroadas de espuma branca, era a sepultura de centenas de pescadores que regressavam a Copenhaga com as pescarias salgadas. O vizinho no andar de baixo era um marinheiro cabeçudo que rogava pragas à mulher. Quando Einar pintava a espiral cinzenta de cada onda, imaginava sempre o marinheiro a afogar-se, de mão desesperada no ar e a voz de vodca de batata ainda a chamar pega das docas à mulher. Era assim que Einar sabia quão escura devia tornar a mistura de tintas: pardacenta a ponto de engolir um homem daqueles, capaz de envolver como massa de farturas a lamúria que ia esmorecendo.

– Saio já – disse Greta, mais nova do que o marido, bela, de rosto largo e achatado. – Depois podemos começar.

Também desta forma, Einar era diferente da esposa. Pintava a terra e o mar – pequenos rectângulos iluminados pela luz oblíqua de Junho ou

esbatidos pelo sol mortiço de Janeiro. Greta pintava retratos, normalmente à escala, de pessoas de alguma importância, de lábios cor-de-rosa e cabelos brilhantes. *Herr I. Glückstadt*, o financeiro por trás do Porto Franco de Copenhaga. *Christian Dahlgard*, peleiro real. *Ivar Knudsen*, membro da firma de construção naval *Burmeister and Wain*. Naquele dia, deveria ter sido *Anna Fonsmark*, meio-soprano da Ópera Real da Dinamarca. Administradores e titãs da indústria encomendavam retratos a Greta, que depois penduravam em escritórios, por cima dos armários de arquivo ou num corredor com marcas do carrinho empurrado por um trabalhador.

Greta surgiu na soleira da porta.

– Tens a certeza de que não te importas de interromper um pouco para me ajudar? – disse ela, com o cabelo preso atrás. – Não pediria se não fosse importante. É que a Anna voltou a cancelar. Por isso, não te importas de calçar as meias dela? – perguntou Greta. – E os sapatos?

O sol de Abril surgia por trás de Greta, passando através da seda que pendia da sua mão. Pela janela, Einar conseguia ver a torre de *Rundetårn*, lembrando uma enorme chaminé de tijolos, e acima dela o avião da *Deutscher Aero-Lloyd*<sup>1</sup> passar suavemente no regresso diário a Berlim.

– Greta? – instou Einar. – Como assim?

Uma gota escorregadia de tinta caiu do pincel para a bota. *Eduardo IV* começou a ladrar, com a cabeça branca a passar de Einar para Greta e de volta para Einar.

– A Anna voltou a cancelar – explicou Greta. – Tem um ensaio extra da *Carmen*. Preciso de um par de pernas para acabar o retrato ou nunca mais acabo. Foi então que pensei: pode ser que as tuas sirvam.

Greta avançou para Einar, levando na outra mão os sapatos amarelo *sennep*<sup>2</sup> com fivelas de peltre. Trazia vestida a bata abotoada à frente com os bolsos sobrecosidos onde enfiava tudo o que não queria que Einar visse.

– Mas eu não posso calçar os sapatos da Anna – retorquiu Einar.

Fixando-os, Einar calculou que os sapatos talvez lhe servissem, pois tinha os pés pequenos e arqueados e suavemente almofadados no calcanhar. Os dedos do pé eram esguios, com escassos e finos pêlos pretos.

---

<sup>1</sup> Companhia aérea que existiu entre 1923 e 1926, dando origem à actual *Lufthansa*. (N. da T.)

<sup>2</sup> *Mostarda* (dinamarquês) (N. da T.)

Imaginou o rolo torcido da meia a deslizar pelo osso branco do seu tornozelo. Por cima da almofadinha da barriga da perna. Encaixando no gancho de uma liga. Einar viu-se obrigado a fechar os olhos.

Os sapatos lembravam outros que tinham visto na semana anterior na montra dos grandes armazéns Fønnesbech, calçados a um manequim de vestido azul petróleo. Einar e Greta tinham parado para admirar a montra, decorada com uma grinalda de junquinhos. Greta dissera:

– É bonito, não é? – Ao perceber que não respondia e vendo o reflexo de olhos arregalados no vidro, Greta tivera de o puxar para longe da montra dos armazéns Fønnesbech. Arrastara-o rua abaixo, passando pela loja de cachimbos, e perguntara:

– Einar, estás bem?

A sala de estar do apartamento servia como ateliê. O tecto, forrado com vigas delgadas, era abobadado como um dóri virado ao contrário. A neblina marítima tinha empenado as janelas das águas-furtadas e o soalho inclinava-se imperceptivelmente para oeste. À tarde, quando o sol batia na Casa da Viúva, as paredes emanavam um ténue odor a areneque. No Inverno, as clarabóias deixavam passar água, um borrifo frio que fazia empolar a tinta da parede. Einar e Greta colocavam os cavaletes sob as clarabóias geminadas, junto às caixas de tinta de óleo encomendadas a *Herr Salathoff*, em Munique, e aos suportes de telas vazias. Quando Einar e Greta não pintavam, protegiam tudo debaixo de lonas verdes que o marinheiro do piso de baixo abandonara no patamar.

– Para que queres que eu calce os sapatos dela? – perguntou Einar, sentando-se na cadeira com o assento em corda que viera do barracão da quinta da sua avó. Eduardo IV saltou-lhe para o colo; o cão tremia devido aos gritos do marinheiro.

– Para o meu retrato da Anna – respondeu Greta, acrescentando de seguida: – Por ti, eu era capaz de o fazer.

Na extremidade da sua bochecha era visível uma singela e superficial cicatriz de varicela. Acariciava-a delicadamente com o dedo, gesto comum sempre que estava ansiosa, como Einar tão bem sabia.

Greta ajoelhou-se para desapertar as botas de Einar. Tinha o cabelo comprido e louro, de cor mais dinamarquesa do que a dele, que prendia atrás das orelhas sempre que se ocupava de alguma novidade. Naquele momento, caía-lhe pelo rosto enquanto tratava do nó nos atacadores de

Einar. Exalava um odor a óleo de laranja, que a mãe dela lhe enviava uma vez por ano, numa caixa de frascos castanhos com a etiqueta EXTRACTO DE PASADENA PURA. A mãe julgava que Greta usava o óleo para fazer bolos, quando ela o aplicava atrás das orelhas.

Greta começou a lavar os pés de Einar na bacia. Aplicava gestos delicados, ainda que eficientes, fazendo a esponja do mar passar depressa entre os dedos. Einar enrolou mais um pouco as calças. As barrigas das pernas pareciam bem proporcionadas, pensou de súbito. Com delicadeza, esticou a ponta do pé e Eduardo IV avançou para lambe-la a água do dedo mindinho, aquele que era espalmado e que nascera sem unha.

– Este será um segredo só nosso, Greta? – segredou Einar. – Não contas a ninguém, pois não? – Sentia-se assustado e excitado e o punho de criança do seu coração batia-lhe na garganta.

– A quem iria eu contar?

– À Anna.

– A Anna não precisa de saber – disse Greta.

Ainda assim, Anna era cantora de ópera, pensou Einar. Estava habituada a que os homens vestissem roupas de mulher. E a que as mulheres vestissem roupas de homem, o *Hosenrolle*. Era a comédia de enganos mais antiga do mundo. No palco da ópera, não tinha qualquer significado – somente confusão. Uma confusão que era sempre resolvida no último acto.

– Ninguém precisa de saber – disse Greta, e Einar, que se sentia como se um holofote do palco o iluminasse, começou a desconstrair-se e a ajudar a vestir a meia, fazendo-a deslizar pela barriga das pernas.

– Estás a calçá-la ao contrário – disse Greta, endireitando a costura.  
– Puxa com cuidado.

A segunda meia rompeu-se.

– Tens outra? – perguntou Einar.

O rosto de Greta ficou paralisado, como se algo acabasse de fazer sentido na sua cabeça; depois, dirigiu-se a uma gaveta no guarda-fatos cinzento decapado. O guarda-fatos tinha um armário na parte de cima com um espelho oval na porta e três gavetas com argolas de bronze como puxadores; Greta fechava a gaveta de cima com uma chave pequenina.

– Estas são mais fortes – disse Greta, passando um segundo par a Einar. Dobradas cuidadosamente num quadrado, as meias lembravam-lhe

um pedaço de carne – um pedaço da pele de Greta, bronzeada pelas férias de Verão em Menton. – Tem cuidado, por favor. Ia usá-las amanhã.

A risca de cabelo de Greta revelou uma faixa de carne branca prateada e Einar começou a conjecturar no que estaria ela a pensar lá debaixo. De olhos viesados para cima e boca apertada, parecia concentrada nalguma coisa que Einar não tinha coragem de indagar; quase se sentia amarrado, com um velho trapo de pintura a amordaçá-lo. Por isso, magicou em silêncio sobre a sua esposa, com um vestígio de ressentimento a ganhar forma sob o rosto, de tez clara e suave e muito semelhante à casca de um pêssego branco. “É um homem lindo”, dissera-lhe, anos atrás, na primeira vez em que ficaram sozinhos.

Greta devia ter reparado no desconforto do marido, pois estendeu as mãos e amparou o rosto de Einar, afirmando:

– Não quer dizer nada. – Para logo acrescentar: – Quando deixarás de te preocupar com o que as outras pessoas pensam?

Einar adorava quando Greta fazia tais declarações – a forma como agitava as mãos abertas pelo ar e asseverava as suas convicções como se fossem a crença do resto do mundo. Einar julgava que esse era o seu traço americano mais vincado, esse e o gosto que tinha por jóias de prata.

– Ainda bem que não tens muitos pêlos nas pernas – disse Greta, como se estivesse a reparar pela primeira vez. Misturava as tintas a óleo nas tacinhas de cerâmica Knabstrup<sup>3</sup>. Greta concluía a parte superior do corpo de Anna, envolvido por uma ligeira camada de gordura devido a anos de consumo de salmão com manteiga. Einar ficou impressionado pela forma como Greta pintara as mãos de Anna, que seguravam um ramo de lírios. Os dedos estavam cuidadosamente executados, os nós dos dedos dobrados, as unhas perceptíveis, embora opacas. Os lírios eram brancos como a lua, tingidos de pólen alaranjado. Greta era uma pintora inconstante, embora Einar nunca lho tivesse dito. Ao invés, elogiava-a tanto quanto podia, talvez até de modo exagerado. Contudo, ajudava-a sempre que possível e tentava ensinar-lhe técnicas que julgava que ela desconhecia, especialmente em relação à luz e à distância. Se Greta viesse a descobrir o tema certo, Einar não duvidava de que se tornaria numa excelente pintora. No exterior da

---

<sup>3</sup> Cerâmica dinamarquesa fabricada entre 1907 e 1977. (N. da T.)

Casa da Viúva, uma nuvem deslocou-se e a luz do sol bateu no meio retrato de Anna.

A plataforma para o modelo que Greta usava era um baú envernizado comprado à lavadeira cantonesa que passava em dias alternados para recolher a roupa, anunciando a chegada com o *ping!* dos címbalos dourados pendurados nos dedos em vez de um grito.

De pé no baú, Einar começou a sentir tonturas e calor. Baixou o olhar até às canelas, suaves como seda à excepção de alguns pêlos que irrompiam como a penugem fina e hirta de uma vagem. Os sapatos amarelos pareciam demasiado delicados para o suportar, embora os seus pés parecessem naturalmente arqueados, como se estivesse a alongar um músculo há muito inactivo. Na cabeça de Einar, começou a desenvolver-se um frenesi que o levou a imaginar uma raposa a perseguir um rato de campo: o estreito focinho vermelho da raposa a procurar o rato nas ondulações de um campo de feijões.

– Não te mexas – pediu Greta.

Einar olhou pela janela e viu a cúpula estriada do Teatro Real, onde por vezes pintava cenários para a companhia de ópera. Naquele preciso momento, lá dentro, Anna ensaiava a *Carmen*, de braços macios erguidos em desafio em frente ao pano grosso onde pintara a praça de touros de Sevilha. Por vezes, quando Einar estava a pintar no teatro, a voz de Anna elevava-se no auditório como uma calha de cobre. Fazia-o tremer de tal forma que o pincel acabava por borratar o cenário, levando-o a esfregar os olhos com os punhos. A voz de Anna não era bela – rude e pesarosa, ligeiramente gasta, de certa forma masculina e feminina em simultâneo. Porém, tinha mais vibração que a maioria das vozes dinamarquesas, normalmente frágeis e claras e demasiado bonitas para provocarem arrepios. A voz de Anna continha o calor do sul; acalentava Einar, como se a garganta dela estivesse em brasas. O pintor descia do escadote nos bastidores e avançava até às alas do teatro: ficava a ver Anna, na sua túnica branca de lã de ovelha, a abrir a boca quadrada enquanto ensaiava com o Maestro Dyvik. Quando cantava, inclinava-se para a frente; Anna costumava dizer que havia uma gravidade musical que lhe puxava o queixo para o fosso da orquestra. “Imagino uma corrente fina de prata ligada à ponta da batuta do maestro e presa mesmo aqui”, dizia, apontando para o sinal no queixo que parecia uma migalha.

“Sem essa corrente, quase sinto que não saberia o que fazer. Não saberia como ser eu mesma.”

Quando Greta pintava, penteava o cabelo para trás com um pente de tartaruga; fazia-lhe a cabeça parecer maior, como se Einar estivesse a olhá-la através de um copo de água. Greta era, possivelmente, a mulher mais alta que alguma vez conhecera, ficando com a cabeça a uma altura que lhe permitia ver por cima das cortinas de renda penduradas pelos moradores do rés-do-chão a meio das janelas que davam para a rua. A seu lado, Einar sentia-se minúsculo, como se fosse filho dela, olhando para além do queixo até aos olhos, dando a mão à mão estendida. A bata com bolsos sobrecozidos fora uma encomenda especial à costureira de cabelo grisalho e penteado num carrapito que vivia ao virar da esquina e que medira o peito e os braços de Greta com uma fita métrica amarela, transparecendo admiração e incredulidade perante o facto de uma mulher tão grande e saudável não ser dinamarquesa.

Greta pintava com uma concentração flexível que Einar admirava. Era capaz de pincelar o brilho no olho esquerdo e, de seguida, ir à porta e receber o distribuidor de leite, regressando sem esforço ao brilho um pouco mais desmaiado do olho direito. Enquanto pintava, cantarolava aquilo a que chamava de canções à roda da fogueira. À pessoa que estava a pintar, contava histórias da sua infância na Califórnia, onde pavões faziam ninhos nos laranjais do pai; aos modelos femininos falava – como Einar ouvira sem querer numa ocasião à porta do apartamento, ao chegar ao cimo das escadas sombrias – dos intervalos cada vez mais alargados entre os momentos de intimidade: “Leva tudo muito a peito. Mas eu nunca o culpo”, dissera, e Einar imaginara-a a prender o cabelo atrás das orelhas.

– Estão a descair – disse Greta, apontando as meias com o pincel. – Puxa-as para cima.

– É mesmo preciso?

O marinheiro do andar de baixo bateu com uma porta e fez-se silêncio, à excepção da sua esposa, que dava risadinhas.

– Oh, Einar – disse Greta. – Será que alguma vez vais conseguir descontrair? – O sorriso esmoreceu, desaparecendo-lhe do rosto.

Eduardo IV foi para o quarto aos saltinhos, começando a vasculhar os lençóis; ouviu-se, então, um suspiro de bebé enfadado. Era um cão

idoso, vindo da quinta de Jutland, nascido num paul; a mãe e o resto da ninhada tinham-se afogado na terra turfosa e húmida.

O apartamento encontrava-se no sótão de um edifício que o governo inaugurara no século anterior para as viúvas dos pescadores. Tinha janelas viradas a norte, sul e oeste e, ao contrário de grande parte das casas de Copenhaga, facultava a Einar e Greta o espaço e a luminosidade que lhes permitiam pintar. Por pouco não se tinham mudado para uma das casas burguesas em Christianshavn, do outro lado de Inderhavn, onde os artistas estavam a fixar-se, juntamente com as prostitutas e os jogadores embriagados, ao lado das empresas de betão e dos importadores. Greta dissera que podia viver onde quer que fosse, que não iria achar nada demasiado decrépito; Einar, que dormira debaixo de um telhado de colmo nos primeiros 15 anos da sua vida, não permitiu que isso sucedesse e encontrou aquele espaço na Casa da Viúva.

De fachada pintada de vermelho, a casa ficava a um quarteirão do Nyhavns Kanal. As águas-furtadas sobressaíam do telhado inclinado de telhas cor de tijolo, já escurecido pelo musgo, e as clarabóias encontravam-se bem no cimo do declive do telhado. Os restantes edifícios da rua estavam caiados de branco, possuindo portas de oito lambrins cor de cinzas. Do outro lado da rua, vivia um médico chamado Møller, que, durante a noite, recebia visitas de emergência de mulheres prestes a dar à luz. Eram escassos os automóveis que passavam pela rua sem saída que terminava na Inderhavn, o que lhe conferia a quietude que permitia ouvir o eco do grito de uma rapariga tímida.

– Tenho de voltar ao meu trabalho – disse Einar, por fim, cansado de estar em pé com aqueles sapatos, sentindo a pressão das fivelas.

– Isso quer dizer que não queres experimentar o vestido dela?

Quando ela referiu a palavra “vestido”, sentiu um ardor no estômago, seguido por um coágulo de vergonha a formar-se no peito.

– Não, acho que não – respondeu.

– Nem sequer por uns minutinhos? – perguntou Greta. – Tenho de pintar a bainha a bater nos joelhos. – Greta estava sentada na cadeira com o assento em corda ao lado dele, a afagar-lhe a barriga da perna através da seda. A mão dela era hipnótica e o toque instruí-a a fechar os olhos. Não ouvia mais nada para além da unha a raspar na seda.

De súbito, Greta parou.

– Não, desculpa – disse. – Não devia ter pedido.

Einar apercebeu-se de que a porta para o guarda-fatos decapado estava aberta e lá dentro via o vestido de Anna. Era branco, com contas em forma de gota ao longo da bainha pelo joelho e em redor do punho. Devido a uma janela rachada, o vestido balançava suavemente no cabide. Havia algo no vestido que provocava em Einar uma vontade de lhe tocar: o brilho fosco da seda, o peitilho de renda no corpete, os colchetes nos punhos, abertos e divididos como pequenas bocas.

– Gostas? – perguntou Greta.

Pensou em responder negativamente, mas mentiria. Gostava do vestido e quase conseguia sentir a carne debaixo da sua pele a maturar.

– Mas então veste-o lá só uns minutos. – Greta levou-o até Einar e colocou-o junto ao peito do marido.

– Greta – disse ele –, então e se eu...

– Despe a camisa – disse ela.

E ele obedeceu.

– Então e se eu...

– Fecha os olhos – disse ela.

E ele obedeceu.

Mesmo de olhos fechados, parecia-lhe obsceno estar despido da cintura para cima em frente à esposa. Era como se o tivesse apanhado a fazer algo de que prometera abster-se – não sendo adultério, era mais como se fosse o regresso a um velho hábito do qual prometera afastar-se, como beber aquavita<sup>4</sup> nos bares do canal de Christianshavn ou comer *frikadeller*<sup>5</sup> na cama ou remexer o baralho de cartas com mulheres nuas cuja parte de trás estava revestida a camurça e que comprara numa tarde de solidão.

– E as calças – instruiu Greta. Estendeu a mão, virando a cabeça educadamente. A janela do quarto estava aberta e o ar fresco com odor a peixe provocava-lhe pele de galinha.

Einar enfiou o vestido rapidamente pela cabeça, ajeitando o colo. Estava a transpirar das axilas e na região lombar. O calor dava-lhe vontade de fechar

---

<sup>4</sup> Bebida que surgiu na Dinamarca e que é feita a partir da destilação de batatas ou de cereais. (N. da T.)

<sup>5</sup> Versão dinamarquesa das almôndegas. (N. da T.)

os olhos e regressar aos dias em que era rapaz e aquilo que pendia entre as suas pernas era tão insignificante e inútil quanto um rabanete branco.

Greta limitou-se a dizer:

– Muito bem.

De seguida, levou o pincel à tela. Semicerrou os olhos azuis, como se estivesse a examinar algo na ponta do nariz.

Uma estranha sensação molhada começou a invadir Einar enquanto permanecia em pé no baú envernizado, com a luz do sol a deslocar-se pelo seu corpo e o odor a arenque no ar. O vestido estava folgado, exceptuando as mangas e ele sentia-se quente e submerso, como se fosse Verão e tivesse mergulhado no mar. A raposa perseguia o rato e ouvia uma voz distante na cabeça: o grito débil de uma rapariguinha assustada.

Tornou-se difícil para Einar manter os olhos abertos e continuar a contemplar os movimentos rápidos de Greta, lembrando peixes a nadar, enquanto a mão dela se lançava contra a tela, afastando-se logo de seguida, com as pulseiras de prata e os anéis revirando-se como cardumes de cabozes. Tornou-se difícil continuar a imaginar Anna a cantar no Teatro Real, com o queixo inclinado para a batuta do maestro. Einar conseguia somente concentrar-se na seda que lhe cobria a pele, como se fosse uma ligadura. Sim, fora dessa forma que se sentira naquela primeira vez: a seda era tão delicada e leve que parecia uma gaze – uma gaze embebida em bálsamo, assentando delicadamente na pele que sarava. Até o constrangimento de estar perante a esposa começou a perder importância, pois ela estava absorta a pintar com uma intensidade estranha no rosto. Einar começava a entrar num indistinto mundo onírico onde o vestido de Anna poderia pertencer a qualquer pessoa, até a ele.

No momento em que as suas pálpebras começavam a ficar pesadas e o estúdio começava a desvanecer-se, no momento em que suspirou e descaiu os ombros, e Eduardo IV ressonava no quarto, nesse preciso instante a voz acobreada de Anna ressoou:

– Olhem só para o Einar!

Abriu os olhos. Greta e Anna estavam a apontar, de rostos animados e lábios afastados. Eduardo IV começou a ladrar à frente de Einar. E Einar Wegener não conseguia mexer-se.

Greta pegou no ramo de lírios que Anna trazia, uma oferta de um admirador à porta dos artistas, enfiando-o nos braços de Einar. Com a

cabeça erguida como um pequeno trompetista, Eduardo IV começou a correr em círculos em redor de Einar, como se tentasse protegê-lo. Enquanto as duas mulheres continuavam a rir, os olhos de Einar começaram a revirar-se, ficando cheios de lágrimas. Ficou sentido com o riso delas e, ao mesmo tempo, atordoado pelo perfume dos lírios brancos, cujos pistilos deixavam marcas alaranjadas no colo do vestido, na protuberância excessiva da zona genital, nas meias, espalhadas pelas mãos abertas e húmidas.

– És uma puta – invectivou o marinheiro lá de baixo, de modo carinhoso. – És uma puta bonita como o raio.

Do piso de baixo, o silêncio dava a entender um beijo de perdão. Depois, ouviram-se gargalhadas ainda mais ruidosas de Greta e Anna e, no momento em que Einar estava prestes a implorar-lhes que saíssem do estúdio para que o deixassem despir o vestido sossegado, Greta disse, numa voz doce e cautelosa e irreconhecível:

– E se te chamássemos Lili?